

OS IMPACTOS TERRITORIAIS DA MIGRAÇÃO DE RETORNO: A QUESTÃO PERCEBIDA EM CINCO MUNICÍPIOS CEARENSES

Thiago Romeu de Souza¹

Apresentação

Entrar em uma discussão que busque levar em consideração a temática dos nordestinos brasileiros significa entrar em um campo de debates ainda pouco conhecido. O tema das migrações permeia a todo momento a discussão sobre a questão nordestina no Brasil. Tal problema reforça a questão da *nordestinidade*, trazendo à pauta de debates o problema das desigualdades, da xenofobia, das políticas públicas e, como pano de fundo de tudo isso, tem ocorrido a ascensão do tema da identidade. O retorno de migrantes torna-se um desafio a todos os pensamentos relativos ao problema das migrações, pois ele põe na ordem do dia exatamente discussões, algumas delas, caras às ciências sociais.

É a partir destas questões, pois, a partir da lacuna acerca desses estudos que este trabalho foi elaborado. Não que o retorno seja recente, pois, inerente à questão migratória, sempre esteve o retorno. Quando não como fato concreto ao menos como expectativa.

“(…) Na medida em que a presença do imigrante é uma presença estrangeira ou que é percebida como tal, as ‘ilusões’ que a ela estão associadas e que até mesmo a constituem podem ser enunciadas como segue: são, para começar, a ilusão de uma presença necessariamente provisória (...), mesmo quando essa presença (...), provisória de direito, verifica-se, nos fatos e sempre a posteriori (...) como uma presença durável, quando não definitiva (fato que não se pode confessar nem mesmo confessar a si mesmo, pois na maior parte dos casos tal coisa é impossível ...)”².

Temos, porém, que ter em mente que alguns fatores de ordem estrutural (não abordados neste trabalho) contribuí atualmente para um fenômeno global de retorno de migrantes aos seus lugares de origem. Dentre estes movimentos de retorno percebe-se, em escala nacional, o retorno de migrantes nordestinos. No nosso caso específico o de migrantes cearenses.

¹ UFF

tangoromeo@ibest.com.br

thiago_romeu2000@yahoo.com.br

² SAYAD, A. (2000, p.19, grifos do autor).

Procuramos investigar o retorno de migrantes oriundos de três metrópoles do Centro-Sul brasileiro, são elas Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. Estes pólos de expulsão foram escolhidos por que a incidência de retorno para o Ceará de migrantes provenientes destes lugares foi bastante relevante. De acordo com dados do censo 2000, de todos os possíveis 70.946 retornados cearenses mais da metade vinham destas metrópoles, conforme ilustra a tabela a seguir:

Tabela 1: *Migrantes cearenses retornados segundo estados de imigração*

| Lugar de Destino | Lugar de nascimento |
|------------------|---------------------|
| | Ceará |
| Rio de Janeiro | 10 119 |
| São Paulo | 32 632 |
| Distrito Federal | 4 396 |
| Total | 47 147 |

Fonte: Elaborada pelo autor adaptado do Censo demográfico 2000 Migração – Resultado da amostra, IBGE.

Além disso, uma investigação baseada em relatos pessoais, confirmadas pelos dados do Censo 2000, indicou as metrópoles do Rio de Janeiro e São Paulo, além de Brasília, como sendo as de maior importância. Cabe, portanto ressaltar que a metodologia utilizada para averiguação deste fenômeno incluiu dados do IBGE e, principalmente, entrevistas com moradores locais retornados e outros que nunca migraram. No decorrer do trabalho tentaremos apresentar com mais detalhes as causas desta saída, ou no dizer de Haesbaert (1997), desta desterritorialização. Vale frisar que o trabalho, portanto, não estará preso a uma visão estruturalista, como nos permitiria pensar uma metodologia baseada somente nos dados da IBGE, nem preso a uma visão estritamente culturalista como nos levaria a pensar uma metodologia elaborada apenas em cima de entrevistas.

Por sua vez, os lugares específicos de retorno possuem traços peculiares que ao longo do trabalho procuraremos apresentar. Investigamos o retorno dos cearenses que voltaram para os municípios de Guaraciaba do Norte, Reriutaba, São Benedito, Ubajara e Varjota. Esta reterritorialização também tem motivos que discutiremos ao longo do trabalho, mas o motivo da escolha destes municípios deve-se, sobretudo à rede sócio-geográfica que um dia ajudou a promover, e ainda promove, a desterritorialização, ou a emigração para o Centro-Sul brasileiro.

Buscaremos ao longo deste trabalho apresentar resumidamente aquilo que nos serviu de discussão no nível de uma monografia de graduação. Bem como de projeto para uma dissertação de mestrado. Também procuraremos apresentar uma rápida discussão sobre os conceitos de território e migração que nos serviram de base para este trabalho. Em

seguida procuraremos mostrar como a dinâmica das migrações afeta o espaço cearense por meio dos grupos sociais que vivenciam a situação de retorno.

1. Território na formação da identidade nordestina

“O território diz respeito à projeção sobre um espaço determinado de estruturas específicas de um grupo humano, que inclui a maneira de repartição e, gestão o ordenamento desse espaço”.³ Esta afirmação resume uma das formas de percepção desta unidade geográfica. O território independentemente da cultura em que é constituído, assume sempre formas específicas que identificam uma dada cultura. O território demarca a área de um grupo. Um grupo que fixa seu lugar em oposição ao do outro. Sendo assim, a alteridade foi uma das condições necessárias. Essa mesma alteridade foi fundamental para gestar e gerir os territórios, ou seja, promover a territorialidade. A objeção à presença do outro em lugares onde este não é esperado foi e é uma das justificativas da delimitação de territórios, ou seja, o território, ou a territorialidade, na concepção de SACK (1986) “(...) é uma poderosa estratégia geográfica para controlar pessoas e coisas através do controle de áreas. (...)”.⁴

A identificação com um território, ou seja, a identidade territorial é, portanto, algo historicamente inerente à vida humana. A espacialidade surge juntamente com a conquista e posterior identificação com os territórios. Não seria incorreto afirmar, portanto, que a espacialidade e a territorialidade aqui são vistas como tendo, ambas, o mesmo significado: a relação do homem com seu território criando cultura e conseqüentemente identidade territorial, algo que todos os homens possuem.

A territorialidade humana ou geográfica se exprime, portanto no diálogo do ser humano com seu território, nas estratégias de controle e domínio das ações nele realizadas (Sack, 1986). É desse diálogo que vinga, como já dissera, uma relação dialética, que abarca todos os encontros e desencontros, todas as descobertas, venturas e desventuras, tudo que se dá por/em algum território e muitas vezes o cotidiano não se passa somente em um território, mas em diversos, perpassando-se inclusive. As múltiplas relações territoriais formam uma infinita teia de territorialidades que muitas vezes é impossível separá-las.

Pautado na prerrogativa de que a territorialidade é uma constante na vida humana, quando o homem se vê obrigado a deixar seu território, se des-territorializa, re-territorializando-se concomitantemente em outro lugar, e este fenômeno, ou seja, o da des-territorialização é de especial importância para este trabalho.

³ Brunet, R *Les monts de la Géographie in* Claval, Paul. (1999 [1996] p. 9, grifos meus).

⁴ Sack, Robert. Human territoriality. Traduzido e fichado por Haesbaert, R. (mimeo.)

O que move um homem a deixar seu primeiro território, o que o faz partir em busca de outros? O que o faz deixar seus hábitos e se submeter a condições diferentes das de costume? Talvez não consigamos responder a estas perguntas neste trabalho, mas contribuir com esta discussão será nosso maior objetivo. Para tanto, discutiremos brevemente a nossa concepção de Nordeste que norteou os estudos de campo e o processo teórico. Também convém reafirmar que não foi todo o Nordeste pesquisado, mas sim um recorte espacial de um nível dentro das possibilidades de estudo. Apenas a escala envolvendo cinco municípios cearenses os quais já citamos.

O Nordeste brasileiro foi uma região criada não somente no âmbito dos gabinetes do IBGE, foi incorporada como identidade pelas elites do então Norte, que se aproveitaram da experiência territorial das culturas tradicionais variadas que ocupavam a região, para cultivá-la na memória da nação (Albuquerque Jr. D. M. 1999) .

A identidade territorial com a recém criada região começa a germinar a partir dessa experiência territorial e a elite - mais instruída - foi incapaz de se criticar ou de se contrapor ao apelo de uma região que fazia menção a tudo quanto os indivíduos tradicionais vivenciavam em seu cotidiano, e a maioria, sem qualquer aprendizado escolar, nem sequer tomou parte desta nova configuração regional. O curioso é que, apesar dessa nova regionalização ter sido aceita pelas elites, o ponto de identificação era o meio rural e não o urbano, *habitat* das elites instruídas. Manipulando as diferentes experiências territoriais dos indivíduos e do coletivo, os grupos políticos dominantes procuraram forjar na cidadania dos habitantes do antigo Norte uma identidade regional, que na verdade só obteve êxito no meio urbano, pouco efeito surtindo no meio rural. Ainda nos dias atuais, mesmo com a televisão massificando a cultura, é possível percebermos, ao se conversar com um habitante mais idoso do interior nordestino, uma certa distância com a noção de Nordeste. Na mentalidade comum destes, o Brasil está dividido entre Norte e Sul. As novelas e seriados que retratam um Nordeste, ou na escala deste trabalho, um Ceará praiano e metropolitano não causa efeito nos telespectadores mais velhos das cidades interioranas, diferentemente das imagens da caatinga, dos bois, do vaqueiro e outros mais. Não se nega aqui a importância destes signos, mas a questão que se levanta é que esses elementos não tornam os habitantes do interior mais identificados, isso aos seus olhos lhes parece irrelevante. O que é veiculado na mídia e que realmente é significativo para definir a identidade regional é a religiosidade. O “roteiro de romarias” e o “Padim Ciço” são de fato signos de identificação, nestes casos, muito mais com o interior que com as metrópoles, sem excluí-las.

O nordestino ao sair de sua terra, assim como qualquer migrante, deixa para trás não somente seus pertences, família e seu território, mas toda uma construção de vida e, nesse

sentido, Santos⁵ ainda acrescenta que o novo lugar é a “sede de uma vigorosa alienação”. À medida que um indivíduo se des-territorializa, mais fragmentado se apresenta seu modo de vida, as referências territoriais dão ao homem a orientação, concretamente no plano material, mas também – e principalmente – no plano subjetivo. A diversidade de lugares e a *pseudo*-necessidade de conhecê-los como pregam as agências de viagens e a indústria do turismo, em muitos casos representa a fragmentação do homem como ser vivo e como cidadão, torna-se difícil encontrar ou manter as referências e, muitas vezes, para muitas pessoas isso é uma necessidade quase vital. No entanto, por mais des-territorializado que o indivíduo possa parecer, as imagens e lembranças de sua terra, ele sempre carrega consigo. Haesbaert, quando trata das categorias de des-territorialização, ao citar Edward Said, fala das “geografias imaginárias”⁶ que muitos migrantes carregam consigo, tais geografias são fruto da conciliação das experiências individuais com a expectativa que constitui o novo espaço, onde o migrante formará o seu novo território.

Acrescentemos às colocações propostas sobre território, um conceito de grande importância neste trabalho, a identidade regional. Mas para falarmos, porém, de uma identidade pautada na noção de região é preciso antes de tudo dizer o que é a região. Segundo Haesbaert (2002b) a região não deve ser vista como um “recorte espacial” qualquer, mas sim como produto de um processo social que pode ser um tipo de território. Também é importante ser percebida como algo que é vinculado a processos re-territorializantes (como os regionalismos) tornando-se mais consistente e útil. Por fim, afirma que a região também se define pela escala geográfica e que a mesoescala foi eleita historicamente como a escala de referência, pois as relações que definem a região mudaram de escala, podendo ser as tradicionais regiões trans e inter-fronteiriças como também as “regiões-rede” ou “redes regionais”.

“(…)Assim ao lado de ou imbrincadas a regiões “tradicionais”, contínua, com fronteiras melhor definidas e articuladas frente ao Estado-nação, aparecem ‘regiões-rede’, ou melhor, ‘redes regionais’, produto principalmente da intensificação das migrações, onde muitos grupos levam consigo a identidade regional e mesmo traços do regionalismo de sua região de origem”⁷.

O território, no entanto, estaria numa posição de maior amplitude, pois envolveria as múltiplas e diversas maneiras de apropriação do espaço (inclusive as ‘redes regionais’). Logo, não podemos tratar de uma identidade regional sem mencionar antes a questão da identidade territorial, pois esta, na prática, se dá antes da identidade regional. Sendo isto

⁵ Santos, M. (2002, p.328).

⁶ Haesbaert, R. *op. cit.* p. 30.

⁷ Haesbaert, R. (2002b, p. 135).

fundamental para compreendermos os fenômenos e as atitudes comuns ao migrante. Para tanto são necessários signos e símbolos que a sociedade os elege e os migrantes identificam, porém aqui não trataremos deste aspecto do real, mas sim daqueles mais abrangentes abarcados pelas identidades territoriais.

O recorte espacial proposto insere-se numa região que foi e é ainda hoje elaborada e re-elaborada constantemente no imaginário de seus habitantes e daqueles que deles se beneficiam. As pessoas ao longo de suas vidas constroem seus laços com o território, que certamente abarca os lugares freqüentados ou visitados pelos indivíduos e/ou seus ancestrais. No entanto, a criação de uma região ultrapassa os limites colocados por esses territórios individuais, afinal ela proporciona a chance de multiplicar as possibilidades, torna próprio do indivíduo um espaço maior que o de seu cotidiano. Todavia, não existe apenas uma região, mas muitas, e aquela eleita pelas elites para ser a adotada, sobretudo pelos governos para ser a oficial, assume o caráter de “conceito-obstáculo”, no dizer de Lacoste (1993). Impede, portanto, a valorização das múltiplas experiências territoriais. Na prática, grande parte da população que passa a se identificar com um território maior que seu espaço individual, não usufrui os benefícios de ter seu território ampliado, mas alimenta, por sua vez, o significado do símbolo espacial que agora é o emblema de seus territórios, no caso aqui discutido este emblema chama-se Nordeste. Segundo Haesbaert (1997 [1988]) a região deve ser

“Um espaço (não institucionalizado como Estado-nação) de identidade cultural e representatividade política, articulado em função de interesses específicos, geralmente econômicos, por uma fração ou bloco ‘regional’ de classe que nele reconhece sua base territorial de reprodução”.⁸

Seguindo esta afirmação vemos que a identidade regional, na verdade para a grande massa, é uma identidade territorial com nova cara. Os benefícios de uma identidade regional só são reais para os que realmente tem condições de se locomover por todo o território. Sendo assim define-se a concepção de território mais adequada e mais completa para este trabalho:

“O território envolve sempre, ao mesmo tempo mas em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de ‘controle simbólico’ sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta de caráter político-

⁸ Haesbaert, R. (1999a[1988] p.51).

disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos”.⁹

O território guarda em si todas as possibilidades de relação homem/terra. Portanto, podemos afirmar que tanto a experiência material-objetiva, quanto a simbólico-subjetiva estão presentes no território. O território é o laço envolvente das diferentes questões que envolvem a questão nordestina. A região, a identidade territorial, e a territorialidade, além das questões envolvendo a des-re-territorialização, só são perceptíveis através do território - no nosso caso, o dos retornados cearenses. Porém para que possamos prosseguir e analisarmos concretamente o caso será necessário delimitarmos mais um tema de tanta importância quanto o território: o fenômeno das migrações, ou do mobilidade populacional.

2. Migração de retorno: o trabalho retorna a sua origem?

As razões que levam uma pessoa a se locomover de seu lugar para outro, levando consigo apenas sua força de trabalho e suas experiências de vida, muitas vezes são as mesmas tanto na escala nacional como na internacional. E o que parece óbvio é o que surpreende, pois sendo do conhecimento do senso comum esta noção, poucos se dão conta da importância dessa diferença. O retorno não se apresenta para o migrante da mesma maneira que um viajante, não é uma questão de tempo. O retorno é para a maioria quase um sonho, pois não se pode chegar da mesma maneira como se partiu. A chegada deve ser triunfal e isso faz com que o sentido da vida de muitos dos que vão seja apenas a acumulação de bens. É importante ressaltar também que a produção e a reprodução do espaço do migrante são afetadas diretamente na medida que o sentimento em relação àquele território (o da “sociedade de chegada”) expressa em muitos casos uma completa ausência de identificação. Partindo desse ponto, esta parte buscará delimitar sob qual ponto de vista percebemos crucial na questão do retorno.

O migrante, na busca de uma reterritorialização acaba tendo que optar “ora pela volta definitiva, ora pela fusão da naturalidade”, ou seja, é necessário decidir se irá primeiro consumir e em seguida produzir o espaço, ou se primeiro produzirá para em seguida consumi-lo, pois quem pretende voltar parece-nos dar mais ênfase ao consumo do espaço, embora o produza, não dá tanta importância a produção do mesmo, e o contrário se dá com aquele que opta pela fusão da naturalidade. Isso é muito relevante, afinal é certo que a produção e o consumo do espaço se dão mutuamente, mas quando não se almeja vivenciar o espaço, quando não há identificação, embora haja produção, é o consumo que interessará o primeiro, enquanto o oposto se dá quando ocorre interesse pelo espaço. E é por meio desta decisão que podemos observar o anseio do migrante em ficar ou em retornar.

⁹ Haesbaert, R (1999a, p.42).

Gaudemar (1977), embora esteja numa perspectiva marxista e por isso, mais libertária do migrante que a perspectiva que critica, não deixa de ver o migrante como um ser desumanizado, des-sentimentalizado. Ora, o migrante não é só trabalho. Não quer somente um bom salário para viver bem, quer mais do que isso, quer aquilo com que se identifica. Todavia, ao ter negado, por conta da segregação social, a possibilidade de construir uma identidade territorial, principalmente pela ausência de uma educação libertária, o migrante acaba se enquadrando na perspectiva de Gaudemar: passa a ser apenas trabalho em movimento. Este mesmo autor nos mostra que a manipulação da educação já é uma excelente forma de condicionar o proletariado a se manter como trabalho móvel (p.250).

A deficiência educacional é visível quando se observam as comunidades onde a ocorrência de nordestinos é mais perceptível. Apenas na última década é que a “onda neo-liberal” estimulou a criação de métodos educacionais voltados para a condição dos trabalhadores, incluindo aí os migrantes. Somente agora essa medida tem gerado efeitos, como podemos verificar na “hibridização” da feira nordestina no Rio de Janeiro, “sudestinizando” uma marca da identidade nordestina. Mesmo assim, nem a educação voltada para o mercado é oferecida com qualidade. Isso estimula mais ainda uma não-identificação com o espaço que lhe é apresentado. O desejo de retorno fica então cada vez mais evidente à medida que a segregação impede que os nordestinos nos grandes centros urbanos brasileiros possam consumir aquele espaço. Neste caso os aparelhos urbanos espaciais, como praças, teatros, cinemas, *shoppings centers*, arenas de *shows*, ficam cada vez mais distantes daquilo que podem e/ou desejam os migrantes. A feira nordestina, por exemplo, passa a ser menos freqüentado por nordestinos e mais por indivíduos naturais da cidade do Rio de Janeiro.

O reconhecimento do nordestino por Euclides da Cunha origina no imaginário do Sudeste urbano e industrial a noção de que as difíceis condições naturais do Nordeste forjam homens fortes: “(...) A virada do século é, aliás, o momento da exaltação do sertanejo nordestino como “antes de tudo, um forte”, elogio no qual se sugere que o seu caráter resistente pode ser empregado, com proveito, para trabalhos que exigem pouca ou nenhuma qualificação.” (Povoa, 1994). Assim sendo, o nordestino parte para o “Sul Maravilha”, onde há maior oferta de trabalho e onde ainda se nutre a noção do rápido enriquecimento. Aqui chegando o trabalho não é encontrado com facilidade, sua moradia se direciona para a periferia, para favelas ou cortiços próximos dos grandes centros, e a segregação passa a ser sentida com muito mais ênfase. Enfim, a des-re-territorialização não ocorre da mesma maneira como tinha sido pensada pelo migrante. Nisto que foi exposto nada há de novo a acrescentar no pensamento sobre migrações, no entanto é neste contexto que Santos percebe a formação de uma rede de solidariedade vinculada a

“flexibilidade tropical”¹⁰ que se adapta e cria novas formas de sobrevivência no mundo moderno.

2.1. O retorno

A situação de constante desconforto a qual os migrantes são sujeitados é, e provavelmente continuará, por tempo muito tempo, sendo vista como a de um “desenraizado”, um ausente e intruso, enfim um diferente. Esse desconforto mantém acesa na maior parte dos corações e mentes migrantes a chama da possibilidade do retorno. Mas delimitar as dimensões do retorno é talvez quase tão difícil quanto retornar de fato. Há muitas formas e motivos para se retornar e delimitá-las todas seria pretensão exagerada e mesmo assim certamente seria insuficiente.

Cabe perguntar, porém, porque isso está acontecendo somente agora e não antes, na década de 1970, quando o fluxo para o Sudeste era mais intenso decorrente do “milagre brasileiro”? Parece-nos coerente afirmar que o “boom” desenvolvimentista empreendido no Brasil na década de 1970 e início da década de 1980, consolidou o fluxo migratório direcionado do Nordeste para o Sudeste, especificamente para as regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e São Paulo, visando suprir a oferta de empregos nos setores de construção civil, metalurgia e serviços como bares, restaurantes e portarias de edifícios. A manutenção destes empregos por boa parte dos migrantes nordestinos, a constituição de famílias e criação de filhos no território dos grandes centros leva à constituição de uma “classe” nordestina neste período, fazendo com que os migrantes estabelecidos não planejem, pelo menos em curto prazo, retornarem. Isso é o que ocorre com boa parte dos migrantes. O sonho do retorno, todavia, é sempre alimentado, mas a situação econômica muda fazendo com que praticamente toda a década de 1980 e até meados da década de 1990, a superinflação, em primeiro lugar, e em seguida, o desemprego, frustrem o sonho dos migrantes já estabelecidos e dos que ainda migravam.

O retorno é, portanto um desejo alimentado constantemente na mentalidade dos que migraram. As experiências vividas que constituíram os indivíduos em sua terra natal ficam guardadas na mentalidade destes quando migram, aguardando o retorno para que se possa vivenciar novamente sua territorialidade, vivenciar o primeiro território.

A questão do retorno está, portanto, intimamente relacionado com a identidade territorial daqueles que migraram. À medida que o tempo cronológico passa, os lugares e o “tempo interior” (Dias, 2000) vão sendo “sacralizados” na subjetividade de muitos migrantes, tornando os fatos e os lugares da juventude ícones de sua referência como ser humano. Refiro-me aos lugares da juventude porque esse comportamento de

¹⁰ Santos, M. (1996, p.324).

sacralização é mais perceptível nos migrantes da década de 1960 e 1970, e perceptível ainda nos migrantes dos anos 1980.

Já os migrantes mais jovens vêm muitas vezes o seu primeiro território muito mais como um ambiente de proteção e domínio, onde podem controlar seu cotidiano, do que como um espaço de referência identitária. Não que a referência não exista mais nos migrantes mais jovens, mas parece que a velocidade da informação e a unificação dos lugares por conta de um padrão massificante espacial, tem sinalizado para uma menor “sentimentalização” do território por parte dos jovens imigrantes. A realidade do migrante retornado, tanto este mais jovem quanto o mais maduro, muitas vezes é bem diferente daquela planejada e/ou imaginada. Os lugares se modificaram, novas estruturas sociais estão em curso, os torrões-natais muitas vezes foram destruídos, a parentela já não é mais a mesma, o reconhecimento dos conhecidos não é o esperado e muitas outras situações podem se configurar, obrigando o retornado a se re-territorializar em condições que diversas vezes são adversas. Essa realidade, bem como essa diferença entre os migrantes, é o que esperamos esclarecer no próximo capítulo.

3. Os retornados e seus lugares, rumo a uma re-territorialização

Um dos aspectos do fenômeno da mobilidade humana é o retorno ao seu território anterior, aqui considerado como o primeiro território, ou seja, o território que constituiu a dimensão topológica no indivíduo. E no caso do retornado cearense, possui um primeiro território que certamente não é aquele que encontrou pronto nos lugares para onde migrara. O seu primeiro território é aquele que ajudou a constituir como ator sintagmático¹¹ nos lugares onde primeiro habitou e que lhe constituíram a noção de espaço. Essa, para nós, é uma característica marcante do retornado (vale lembrar, conforme já foi ressaltado, a mobilidade humana na atualidade não pode ser vista apenas como mobilidade do trabalho, mas como mobilidade dos trabalhadores). O retorno se mostra como a ligação entre a noção de que as migrações são motivadas por razões puramente econômicas - mobilidade do trabalho - e a noção de que as migrações estão permeadas por sentimentos nostálgicos - mobilidade dos trabalhadores (mesmo sabendo que a nostalgia por si só não é capaz de restaurar a primeira territorialidade).

As observações de Sayad (2000) nos fazem perceber que a mobilidade ao ser observada nos municípios escolhidos para este projeto, assume um caráter muito particular, pois, embora estando numa mesma área do Estado do Ceará e espalhadas em duas micro-regiões específicas, incorpora tonalidades singulares do ritmo de cada um dos municípios

¹¹ “(...) o território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um **ator sintagmático** (ator que realiza uma programa em qualquer nível). Ao se apropriar de um espaço, concreta ou absolutamente (por exemplo, pela representação), o ator ‘territorializa’ o espaço(...)” Raffestin, C. (1993, p. 143).

envolvidos. Tais tonalidades necessitam de uma apresentação. Procuraremos então mostrar um panorama dos lugares que foram analisados, ilustrando às vezes situações que retratam o cotidiano de uma realidade que também é brasileira, mas que é, no entanto, bem diferente daquela a qual cidadãos metropolitanos estão habituados a lidar, e que os retornados, muitas vezes influenciados por estas mesmas metrópoles, não reconhecem. Apresentando, desse modo, uma idéia das cores destes lugares, muitas vezes qualificados, até mesmo pela academia, de não-lugares (Augé, M. 1994).

3.1. Os municípios de retorno

Para que a análise do fenômeno dos retornados fosse viável, foi necessário que se reduzisse a escala geográfica ao nível de cinco municípios do estado do Ceará, já citados anteriormente, que não foram escolhidos ao acaso, mas devido a uma peculiar incidência de migrantes oriundos das micro-regiões cearenses nas quais estão incluídos estes municípios, na região metropolitana do Rio de Janeiro – o que particularmente nos chamou à atenção. Além disso, os municípios escolhidos são servidos por uma única linha de ônibus regular que os une em seu trajeto, o que provoca uma interação maior entre estes municípios, e isso influi no resultado final da pesquisa. Reunidos, os municípios agregam uma população total de 139.843 habitantes o que equivale a aproximadamente 1,8% da população total do Ceará, sendo de Guaraciaba do Norte, 35.037; Reriutaba, 21.224; São Benedito, 39.894; Ubajara, 27.095 e Varjota, 16.593 habitantes¹². Apesar da pouca representatividade demográfica, tendo em vista que são municípios distantes da região metropolitana de Fortaleza (São Benedito, o mais próximo está a 315 km¹³) observa-se uma crescente importância econômica, pois são importantes produtores de gêneros agrícolas, que abastecem diversas metrópoles regionais.

Reriutaba e Varjota são típicos municípios do sertão nordestino, com mais da metade da população analfabeta¹⁴, dominados por elites que se mantêm no poder há muitos anos, lançando mão para isso do mínimo poder crítico da população. No entanto há algumas diferenças: Varjota possui um pólo agrícola que faz parte de um programa do Departamento Nacional de Obras Contra Secas (DNOCS) chamado Perímetros Irrigados. Sempre próximos aos grandes açudes nordestinos esses perímetros tem o propósito de desenvolver a agricultura e os municípios por eles servidos bem como seu entorno. Este fato fez com que o município em questão tivesse um direcionamento para sua mão-de-obra e conseqüentemente gerasse renda, mesmo pequena, para grande parte dos seus moradores. Mesmo sendo passível de muitas críticas, é inegável que o perímetro irrigado

¹² Censo 2000 – IBGE.

¹³ Mapa Ceará: praias e aspectos do interior. Geodésia Mapas, s/d.

¹⁴ Censo 2000, IBGE.

Araras Norte tem uma influência grande na economia do município de Varjota e na decisão dos que retornam para lá.

Em Reriutaba, por sua vez, mesmo sendo vizinha a Varjota, a situação é sensivelmente diferente. Sofre pouco reflexo do perímetro irrigado. Os aparelhos públicos tais como praças, ruas e até mesmo o prédio da prefeitura estão tremendamente deteriorados. O potencial do município contrasta, porém, com a realidade, devido à ocorrência natural de carnaúbas e também pelo plantio desta cultura. Há uma pequena organização agrícola motivada pelo sindicato de trabalhadores rurais, na busca de melhorar a produção de cera e de artigos de palha que trariam imensos benefícios aos pequenos produtores. É uma cultura sustentável, tendo em vista que ocorre dentro da caatinga, com impactos mínimos ao ecossistema. Da mesma forma ocorre com a cultura de caju, os usos deste gênero são diversos e o aproveitamento no município é mínimo. Além disso, todo o extremo ocidental do município compreende a vertente da Serra da Ibiapaba com seus diversos córregos, o que é um privilégio neste ambiente e que não encontra nenhum aproveitamento, nem mesmo como água potável para a população do município residente dos pontos mais áridos do mesmo.

Os municípios que estão na micro-região da Ibiapaba são bastante diferentes no aspecto ambiental dos municípios da micro-região do Ipu, e o município de Guaraciaba do Norte, por sua vez, não é diferente. Embora recebendo a mesma incidência solar que os municípios do sertão, as brisas marinhas úmidas vindas do oceano abrandam a temperatura e tornam o clima mais ameno, sendo o que possui o sítio urbano mais alto do estado do Ceará. Graças à ocorrência de pequenas chuvas durante período maior que o “inverno” sertanejo, que se estende de dezembro a abril, as plantações são mais intensas, mesmo possuindo um solo inferior em potencial agrícola que o solo sertanejo. O município possui uma infra-estrutura menos obsoleta que a dos municípios sertanejos, talvez em função exatamente da maior produção agrícola.

Da mesma forma podemos constatar uma dinâmica desenvolvimentista em São Bedito, outro município da Serra da Ibiapaba, que usufrui um clima mais ameno desta micro-região cearense. No entanto, este município apresenta-se como o mais dinâmico dos municípios pesquisados em termos econômicos, é o que possui maior peso populacional, a maior diversidade comercial, o maior fluxo de capitais e é aquele que possui maior gabarito arquitetônico: edifícios de até sete andares. A maior parte dos capitais, de acordo com a secretaria de agricultura provém do campo, especialmente das lavouras de tomate e de cana-de-açúcar, alimentadas pelos inúmeros engenhos de rapadura e outros derivados de cana, que empregam boa parte da população do município.

O último município pesquisado, Ubajara, é de especial beleza. Nele está situado o Parque Nacional de Ubajara, o menor parque nacional do Brasil e que é uma das grandes vitrines do Ceará para os roteiros de diversos turistas nacionais e estrangeiros. Assim como os outros municípios da Serra, Ubajara também se apóia grandemente na agricultura, mas a opção por uma diversificação econômica tem levado o município a uma abrupta elevação na qualidade de vida. Os recentes investimentos estrangeiros na indústria da floricultura, o maior poder aquisitivo de um percentual proporcionalmente maior de habitantes que em outros municípios agregado a uma administração voltada para o atendimento das necessidades populares fazem de Ubajara o município que, aparentemente, deve atingir os maiores níveis de bem-estar social dentre os municípios cearenses.

Vale ainda lembrar que o fato de os municípios terem obtido maiores índices de desenvolvimento, constatados pelos seus IDH¹⁵, não fez com que o fluxo migratório acabasse, o que é relevante, porém, é a redução considerável deste fluxo, mas é bom que se diga que não acabou (ver tabela 2). Essa redução ocorre graças à modificação do estímulo a migração, conforme veremos mais adiante, atualmente a migração, ao menos nos municípios pesquisados, ocorre mais por conta de fatores culturais de que propriamente pela fuga da fome e da miséria. A emigração hoje tem sido concomitante ao retorno de muitos migrantes, atraídos pelos melhores índices de qualidade de vida nestes municípios. É também importante ressaltar que o fato de ainda ocorrer emigrações pode ser considerado um indicativo das carências dos municípios, que assim como a fome, foram maquiadas pelos programas governamentais.

Tabela 2: Migrantes metropolitanos segundo municípios cearenses de origem

| Municípios de origem | Município de destino | | | | | | | | |
|----------------------|----------------------|--------|----------|-----------|--------|----------|------------------|--------|----------|
| | Rio de Janeiro | | | São Paulo | | | Distrito Federal | | |
| | Total | Homens | Mulheres | Total | Homens | Mulheres | Total | Homens | Mulheres |
| Guaraciaba do Norte | 564 | 247 | 316 | 65 | 56 | 9 | 122 | 56 | 66 |
| Reriutaba | 196 | 92 | 105 | 19 | - | 19 | 46 | 24 | 22 |
| São Benedito | 617 | 375 | 242 | 136 | 63 | 73 | 68 | 12 | 56 |
| Ubajara | 101 | 63 | 38 | 84 | 35 | 49 | 134 | 76 | 58 |
| Varijota | 316 | 159 | 157 | 23 | 18 | 5 | 18 | 13 | 4 |

Fonte: Elaborada pelo autor adaptado do Censo demográfico 2000 Migração – Resultado da amostra, IBGE.

4.3. Os retornados

O propósito desta parte do trabalho, é apresentar aquilo que nos pareceu de extrema relevância na análise da relação dos retornados com seu território anterior. Longe de buscar

¹⁵ Dados do IPLANCE (Instituto de Planejamento do Estado do Ceará).

descrever e explicar o fenômeno do retorno dando como se fosse um objeto de estudo estanque, efêmero, tentaremos elucidá-lo no âmbito da Geografia enfatizando suas especificidades de acordo com a área escolhida para a pesquisa e de acordo com as ligações diretas que tem com a migração, mostrando que não houve apenas uma re-territorialização com o primeiro território, mas uma des-re-territorialização inicial, e em seguida outra des-re-territorialização, tornando o fenômeno muito mais complexo e, por isso mesmo, impossibilitado de ser um fenômeno isolado.

Quando se conversa com um retornado, a um primeiro olhar, nada o diferencia dos demais habitantes daqueles municípios, de um modo geral o sotaque, as expressões, os trajetos por onde transita, enfim, aparentemente não há diferenças entre os que migraram e os que jamais saíram daquele lugar. Isso é mais um fator de dificuldade, tendo em vista que se trata de um assunto – migrações – trabalhado amplamente pela academia e reconhecido pelo senso comum. Talvez por esta razão a questão do retorno seja tão pouco pesquisada.

Ora, assim sendo, não é possível, ao se chegar naquelas cidades e ao se observar os retornados, vê-los como moradores comuns. Então onde aparecem as mudanças? O que os torna diferentes a ponto de serem passíveis de estudo? Dias (2000), falando dos retornados cabo-verdianos, coloca a importância que estes têm para os que não emigraram, afinal são vistos como vitoriosos depois de uma longa jornada. O acesso à modernidade, o acesso aos bens de consumo, mediado por um emprego, é certamente ainda um convite à migração. Mas a autora parece generalizar, pois pelo que vimos, são poucos os que retornam tendo obtido certo êxito em suas aventuras, ou seja, retornando com sucesso financeiro.

É uma falácia dizer que o nordestino migra somente em busca de bens de consumo ou fugindo da miséria. E da seca. Nenhum dos migrantes e tão pouco os não migrantes, estão em situação de calamidade social. Embora exista a subnutrição, praticamente não há a ocorrência de pedintes famintos e mendigos, (ao menos nos municípios pesquisados). É claro que também cabe aqui discutir sobre qual migrante estamos tratando: aquele que migrou no período do “milagre brasileiro” ou aquele que migrou recentemente, que está iniciando a idade economicamente ativa. Hoje, porém, há um elemento que pode ser considerado responsável pela suavização da miséria e ao mesmo tempo um fator crucial que estimula a migração: o que é veiculado pela *mass-media*, especialmente a televisão, atribuindo valor simbólico ao que antes não tinha valor, dando nova visão de mundo aos moradores locais, inserindo-os cada vez mais numa sociedade de consumo.

A massificação dos padrões visuais e de comportamento por conta da influência da televisão instaurou-se. Padrões de beleza, de vestuário, de consumo, hábitos e comportamentos ditados pela mídia, especialmente pelas telenovelas, são reproduzidos. As

belas paisagens também são um produto novo e muito atraente – de especial interesse para os estudos da Geografia. Recheadas pelos símbolos capitalistas de poder e bem-estar, nutrem nos habitantes mais jovens um desejo crescente por esses lugares. Aí reside o mais importante elemento de estímulo às migrações atuais destes municípios para o Centro-Sul brasileiro, o consumo das imagens e dos símbolos capitalistas, apoiadas na rede de parentesco e camaradagens¹⁶ instauradas nestes lugares “privilegiados” que providenciam em muitos casos subempregos ou, pelo menos, residência geralmente temporária para os imigrantes.

Não há consenso sobre a causa do retorno, nem mesmo entre os retornados. A respeito da possibilidade de retorno em função de um “sucesso” na migração, foi perceptível observar que migrantes que se foram há muitos anos ao retornarem o fazem basicamente por duas razões: ou vem para passear ou passar temporadas transformando o retorno, planejado primeiramente como algo glamuroso, onde as riquezas obtidas na metrópole mostrariam a “justa recompensa” por tanto sofrimento, em um ato mais simples como uma viagem, um consumo dos velhos lugares, uma renovação da memória, um sossego para a nostalgia ou ainda para “*não perder as raízes*”^{*} - como afirmou um retornando – ou – a outra possibilidade – o retornando vir imbuído da intensão de transformar os seus parcos ganhos nas metrópoles em investimentos. Estes investimentos podem ser vistos nas bancas de camelôs que vendem produtos trazidos do “Sul” ou também no comércio legal, muitas vezes o micro-empresário dono de uma determinada loja iniciou seus trabalhos com uma banca de “camelô”, indo e vindo constantemente para o “Sul”. As áreas de atuação comercial são as mais variadas dentro do ramo do comércio: farmácias, lanchonetes, papelarias, mercados, lojas de calçados, de tecidos e de materiais de construção, onde o capital acumulado nos estados do Sudeste é investido. Não são todos os municípios pesquisados que possuem CDLs (Câmaras de Dirigentes Lojistas), somente nos municípios da Serra da Ibiapaba foram encontradas – talvez por possuírem um comércio mais dinâmico e uma estrutura urbana mais complexa. Nestas entidades boa parte dos associados são de empresários retornados. Também é importante dizer que existem muitos retornados que investem em pequenas mercearias – bodegas – que vendem desde pão a sapatos e se localizam mais afastados do centro comercial, servindo mais a população da periferia, estes retornados poderiam ser classificados juntos do primeiro grupo, os que trabalham no comércio informal.

¹⁶ A questão das redes pode ser amplamente trabalhada para se compreender melhor a problemática das migrações nordestinas para o Centro-Sul, mas optamos por deixá-la à margem da discussão neste momento para que, na continuação desta pesquisa, seja desvendada dando mais embasamento ao trabalho. Por ora basta apenas citá-la.

^{*} Comunicação pessoal Sr. Francisco Rego, proprietário da cadeia de restaurantes “La Mole”, um retornando na cidade de São Benedito, que investiu em sua cidade natal, mas mantém estreitos laços com a cidade do Rio de Janeiro, pois seus negócios são em sua maioria nesta última cidade.

No campo da informalidade, existe ainda um outro grupo de retornados que direciona seus capitais para um ramo do qual o Ceará é extremamente carente, o setor de transportes. Para haver locomoção entre municípios próximos, ou mesmo entre distritos dentro de um mesmo município, a população depende quase que exclusivamente do transporte alternativo. O transporte (de qualquer mercadoria, inclusive de pessoas) é feita através de “pick-ups” com a carroceria coberta e surpreendem, a um primeiro olhar, pois a quantidade de carga é geralmente superior à capacidade do veículo. Esse meio de transporte é muito comum neste lugar (ver figura 9), tornando-se um hábito da população local, que por sua vez não exige melhores condições de transporte. Tais “pick-ups” são abundantes, em virtude da forte demanda, e não há nenhuma fiscalização ou controle sobre este serviço. Este é o destino certo dos recursos de boa parte dos retornados. O ramo é praticamente dominado por migrantes retornados que em muitos casos fizeram a viagem de volta nos próprios veículos comprados na metrópole, fazendo de sua primeira viagem também a primeira “lotada”.

No segundo caso, com os migrantes que permaneceram até dez anos ou pouco mais que isso nas metrópoles do Centro-Sul brasileiro em estudo e que estão ainda na faixa etária economicamente ativa, ocorre algo um pouco diferenciado, geralmente não voltam “bem sucedidos”. Após passarem algum tempo sem se estabilizar em um emprego, tendem a retornar buscando o trabalho que deixaram no seu primeiro território: a agricultura e a pecuária. É importante dizer que esses retornados geralmente não estão definitivamente fixados, pois demonstram disposição em voltar a emigrar caso a situação econômica se fragilize. Essa conclusão pode ser tomada a partir das diversas entrevistas feitas com retornados mais jovens e que se encontravam nessa faixa cronológica de migração, onde quase todos tinham ido ao menos duas vezes à metrópole e os poucos que não tinham emigrado uma segunda vez, desejavam fazê-lo tão logo tivessem condições.

O trabalho no campo é um refúgio garantido para os que retornam nesta categoria. Empregam-se em serviços temporários na cidade, tal como pequenas obras públicas ou particulares recebendo baixíssimos salários regulados pelo mercado local, ou ainda diretamente nos serviços agrícolas no período da estiagem (ou “verão”) e, tão logo caíam as primeiras chuvas do “inverno”, apressam-se a preparar cada um seus “roçados” que nestes casos pode ser um terreno baldio nos arredores da cidade.¹⁷

“Aqui é melhor (estar desempregado) do que lá (no Sul) com certeza.

Aqui é perto da família e quando você não está empregado em trabalho

¹⁷ Igualmente a situação anterior não se pode generalizar, ocorrem às vezes retornados que passam pouco tempo e conseguem boa condição financeira, voltando e investindo em seus municípios de nascimento (caso citado na nota anterior) assim como ocorrem casos de retornados que passaram até mais de vinte anos na metrópole e ao voltarem, tornam à lida do campo.

certo, você vai fazer alguma coisa pra você mesmo, plantar alguma coisa e aí se vai levando (...) Agente aqui nunca fica parado não (...)”
(Sérgio, morador de Guaraciaba do Norte).

A agricultura, portanto configura-se como um importante elemento de re-territorialização, mesmo porque, em relação à burocracia, trata-se de uma estratégia. O retornado que não conseguiu obter recursos no Sudeste, volta para a agricultura buscando se aposentar pelo FunRural¹⁸, abandonando todos os laços empregatícios com a metrópole em busca de uma melhoria econômica.

Outra diferença relevante e de interesse especial para a Geografia é a percepção por parte dos migrantes da noção de região. A manifestação de uma identidade regional – ou a tentativa de se criar uma – é nítida hoje entre os retornados. Os habitantes mais antigos que nunca migraram têm uma concepção espacial mais voltada para uma realidade vivenciada numa escala muito pequena, vivem um tempo mais lento, onde as distâncias parecem possuir as mesmas medidas. Para os mais jovens, porém, embora o cotidiano seja vivido na mesma escala, a noção de pertencimento a um território mais amplo de que aquele que vivenciam diariamente é constante, principalmente, em virtude, como já dissemos, da influência da televisão, que manipula a noção de região Nordeste, criando uma identificação, por exemplo, do sertão cearense com o litoral baiano. Os retornados, por já terem experimentado plenamente o *lócus* da sociedade de consumo: a metrópole, contribuem para a afirmação de uma identidade regional, pois o que desejam reafirmar espacialmente em suas práticas cotidianas, é uma identidade que lhe era quase sempre negada na metrópole. O curioso nesta afirmação é a comprovação de que a percepção da identidade regional é na verdade uma identidade muito mais com o território de que com a Região Nordeste. Confirmam-se também as colocações de Haesbaert (1997) acerca do conceito de região, quando afirma que para que ela exista é necessário uma representatividade política, articulada em função de interesses econômicos. Tais interesses alimentados pela experiência na sociedade de consumo dos retornados.

Um importante fator que deve ser aqui colocado é que na área delimitada para a pesquisa – que compreende municípios dentro de duas micro-regiões cearenses vizinhas – ocorre a predominância de viagens para o Rio de Janeiro,¹⁹ o que não acontece com as outras

¹⁸ O governo federal concede os benefícios àqueles que trabalharem no campo no mínimo 12 anos. Muitos retornados, que não foram bem sucedidos, voltam na intenção de se aposentar como lavradores e, por terem deixado o trabalho do campo, tendo obtido registros em firmas urbanas, não conseguem o benefício, o que é motivo de muita frustração.

¹⁹ Isso pode ser notado quando se analisa a tabela 3: os retornados provenientes da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, superam em quantidade e em variedade de cidades de imigração, as outras duas Regiões metropolitanas, de onde só retornaram os migrantes de São Paulo e Brasília,

micro-regiões do estado que estão sob uma forte atração da metrópole paulista. É evidente que na continuação deste trabalho tentaremos dar uma resposta a este questão, mas algo que sem dúvida está diretamente relacionado a isso são as redes de parentesco e camaradagens que de longa data já se estabeleceram.

Tabela 3: Migrantes retornados segundo municípios metropolitanos de imigração por municípios de retorno

| Municípios de origem dos retornados | Regiões metropolitanas - retornados segundo municípios de imigração | | | | | | | Total | % de retornados pela pop. dos municípios |
|-------------------------------------|---|-------|-------------------------|-------|-------------------------|-------|-----|-------|--|
| | Rio de Janeiro | | São Paulo | | Distrito Federal | | | | |
| | Municípios de imigração | Total | Municípios de imigração | Total | Municípios de imigração | Total | | | |
| Guaraciaba do Norte | Niterói | 19 | São Paulo | 54 | Brasília | 20 | 513 | 1,4 | |
| | Rio de Janeiro | 420 | | | | | | | |
| Reritaba | Nilópolis | 8 | São Paulo | 44 | Brasília | 56 | 283 | 1,3 | |
| | Niterói | 43 | | | | | | | |
| | Nova Iguaçu | 33 | | | | | | | |
| | Rio de Janeiro | 67 | | | | | | | |
| | São Gonçalo | 20 | | | | | | | |
| | São João do Meriti | 12 | | | | | | | |
| São Benedito | Duque de Caxias | 8 | São Paulo | 109 | Brasília | 72 | 468 | 1,2 | |
| | Rio de Janeiro | 279 | | | | | | | |
| Ubajara | Duque de Caxias | 42 | São Paulo | 111 | Brasília | 102 | 285 | 1 | |
| | Rio de Janeiro | 30 | | | | | | | |
| Varjota | Rio de Janeiro | 305 | São Paulo | 13 | Brasília | 47 | 386 | 2,2 | |
| | São Gonçalo | 21 | | | | | | | |

Fonte: Tabela elaborada pelo autor adaptado do Censo demográfico 2000 Migração – resultado da amostra, IBGE.

De acordo com a tabela anterior, que visa esclarecer a origem dos retornados, ou melhor, mostrar de onde provém os migrantes, quais os territórios que deixaram para trás, Notou-se que nos municípios de maior população como Guaraciaba do Norte e São Benedito, ocorre uma maior quantidade de migrantes em números absolutos, mas em termos relativos Varjota tem a maior população de retornados: 2,2% da população total. É nítido que existe uma relação entre o número de migrantes de um município com a quantidade de retornados que o mesmo recebe. É importante que se repare que Ubajara, entre todos os municípios pesquisados, é o único que mais envia migrantes para São Paulo e Brasília e também o que mais recebe retornados provenientes destas cidades. Confirmando a observação anterior, a influência dos municípios da Região metropolitana do Rio de Janeiro na área de pesquisa pode ser percebida ao se comparar os municípios de onde partiram os retornados, diversas cidades pertencentes a esta região foram locais de desterritorialização dos migrantes retornados, enquanto não há ocorrência de retornados provenientes da Região metropolitana de São Paulo e/ou das cidades satélites de Brasília, somente das capitais.

indicando que o fluxo de Imigração para estes locais é menor. Vale dizer que a taxa de retorno segue uma proporcionalidade em relação a taxa de emigração.

A medida que existem territórios, existem também territorializações no mínimo na mesma proporção, e quando junto a isso se acrescenta o movimento, faz-se necessário acrescentarmos os sufixos “des” e “re”, mostrando que para o indivíduo movimentar-se e habitar um espaço, em qualquer ponto que seja, precisará de uma mediação chamada des-re-territorialização, o que constituirá sua territorialidade. Haesbaert (1997, p.32) traz uma importante contribuição de Raffestin a esse debate, segundo o primeiro autor

“Entre os geógrafos, Claude Raffestin (1986, 1988) foi um dos que mais se dedicou à discussão conceitual sobre território, analisando o processo que ele denominou de T-D-R: territorialização-desterritorialização-reterritorialização. Para ele a territorialidade humana, nossos laços com o território, numa concepção bastante aberta, pode ser definida como ‘o conjunto de relações que desenvolve uma coletividade – e, portanto, um indivíduo que a ela pertence – com a exterioridade e/ou a alteridade por meio de mediadores ou instrumentos’

A despeito deste conceito, percebe-se desde o século XIX (quando a contagem da população começou a ser feita), que o cearense vivencia a des-re-territorialização com muita intensidade, e o movimento migratório proporciona uma diversidade inigualável de experiências sobre suas territorializações. Isso faz do fenômeno migratório um objeto que jamais possuirá situações-padrão de ocorrência. Cada um migrante trás uma história pessoal e inigualável ao debate sobre o tema.

Após uma, ou algumas jornadas na metrópole certamente o migrante volta para o seu lugar, mas este, com toda certeza, jamais será o mesmo, pois ele mesmo já não é mais aquele que partiu. Dias (2000) em seu estudo sobre os retornados cabo-verdianos afirma que

“As experiências passadas, congeladas no tempo, entram em choque com esse novo homem que retorna, ao menos aparentemente, numa posição claramente superior. E o reconhecimento dessa ascensão social faz-se acompanhar, inevitavelmente, de um certo desconforto, de uma certa inveja.”²⁰

De modo complementar Sayad expõe que

“(…) os emigrantes que escolhem e aceitam retornar definitivamente ao seu país, são vistos tendencialmente e sobretudo vêm-se a si mesmos como os bons emigrantes, os puros, os incorruptíveis – seu

comportamento, na circunstância, valendo realmente a seus olhos como brevet de nacionalismo e patriotismo. Ao contrário, os outros emigrantes, aqueles que se deixaram seduzir pela sociedade do país de imigração e por sua condição de imigrantes, não podem deixar de ser considerados, no mínimo, como nacionalmente suspeitos (...)"²¹

Nas colocações acima, tratando-se de migrantes internacionais, os autores falam de dois aspectos de muita importância na sua re-territorialização, a primeira diz respeito a como o retornado será visto, percebido em sua sociedade de origem e a segunda trata da percepção de si mesmo ao retornar. De acordo com o que já foi exposto anteriormente existem diferenças entre os que passam muitos anos e os que estão ainda no processo de idas e vindas, até porque existe uma diferença etária, os primeiros estão em sua maioria aposentados ou em vias de se aposentar, enquanto os segundos estão em plena idade ativa, ainda buscando alguma estabilidade financeira. Quando os migrantes que passaram muitos anos no Sul atingem um grau de estabilidade financeira num nível superior ao que possivelmente não teria se tivesse permanecido no Ceará, há, por um lado, um rumor invejoso entre os seus conterrâneos, mas, por outro lado, ocorrem também situações opostas, demonstrando até mesmo pesar por este ter deixado sua terra natal, é como se tivesse abandonado a luta.

As palavras deste idoso, morador de Varjota, que teve sete de seus nove filhos espalhados entre Rio de Janeiro e São Paulo, são esclarecedoras neste sentido:

"...nunca dependi de 'peste' de Rio de Janeiro pra 'vivê', sempre criei minhas vaquinhas, plantei minha roça, mas num pensei em ir pro Sul. Trabalhei da manhã à noite e num precisei ir pro Rio. Aquilo 'num' é lugar 'di' gente..." (Sebastião Alves, 93 anos).

Há nitidamente um certo rancor ao falar do Sudeste, certamente porque teve sua família dispersa em função da influência desta região do país, e ele, ao contrário de seus filhos, demonstra indiferença aos "benefícios" que o Rio de Janeiro pode ter trazido para eles, mesmo porque não considera um bom lugar e ainda aparenta se sentir melhor por nunca ter cedido aos encantos do "Sul". No entanto para os próprios migrantes retornados há esta sensação de que os que permaneceram no lugar de imigração são "desenraizados" e não possuem uma identidade com o lugar. E é neste ponto que se manifesta a importância da identidade regional, que na linguagem dos retornados mais antigos tem muito mais o caráter de identidade territorial, pois se trata de uma identificação com símbolos mais concretos do cotidiano, como o trabalho diário na roça, os forrós e bailes e

²⁰ Dias, J.B. *op. cit.*, p.74.

²¹ Sayad, A (2000, p.29).

convívio com os conterrâneos, do que na linguagem dos retornados mais jovens, que tem mais um aspecto de identidade regional, pois está vinculada a símbolos que muitas vezes não são do cotidiano deles, tal como as praias cearenses e determinados tipos de festas e badalações, típicas de outros estados da Região Nordeste.

Essas diferenças entre as múltiplas identidades territoriais não se manifestam apenas no plano do comportamento, mas também nas relações de ocupação espacial. Sem que houvesse um trabalho de campo jamais seria percebida a existência de uma relação diferenciada entre habitantes mais jovens mais velhos com os espaços públicos como praças e avenidas. Durante o dia tais locais são reservados para o comércio, no caso específico de Guaraciaba do Norte e São Benedito, além do comércio que envolve lojas dos setores mais comuns como farmácias, açougues e lanchonetes, ainda existe a feira diária (algo que só ocorre nos outros municípios em dias específicos) sendo a rua povoada pelos moradores locais nos seus afazeres. Ao cair da noite, no entanto, esses espaços são invadidos por jovens com seus carros ou motos (meio de transporte mais comum atualmente) com equipamentos de som de última geração em um volume ensurdecedor, tocando músicas típicas produzidas principalmente nos grandes centros como o *funk* carioca ou o pagode, mesclados com músicas típicas do lugar como os forrós (vale dizer que o próprio forró já é uma nova linguagem musical, variação dos “toques” antigos, pouco aceita entre os mais velhos). O que é importante aqui ressaltar é que a responsabilidade da influência dos grandes centros hoje nestes lugares, que como ressaltei anteriormente deve ser atribuída especialmente a televisão, é também alimentada pelos retornados mais jovens principalmente por apresentarem para a comunidade local uma série de novidades comportamentais antes não tão marcantes.

No âmbito simbólico, os relacionamentos interpessoais são um importante elo com o território. A tranquilidade e, até mesmo, a ingenuidade do interior, foram algumas vezes anunciadas como um elemento importante na questão do retorno. A malícia inerente a “sociedade de chegada”, a mesma que o retornado teve contato no período de imigração, certamente causa influência no território no qual o migrante estará se re-inserindo. A violência e a marginalização são traços perceptíveis a alguns retornados mais jovens.

importância da Viação Linhares está na relação entre passageiro e empresa, tendo em vista que os motoristas conhecem os passageiros pelo nome e colaboram com estes últimos, a ponto de ir, com o ônibus, buscá-los em casa, como pode ser presenciado durante um trabalho de campo. A relação íntima entre os agentes nos lugares de retorno apresentam a diferença de relacionamentos que o migrante encara quando parte de seu primeiro território. Este é um ponto relevante que muitas vezes faz o migrante retornar.

Em diversas ocasiões, ficou evidente que a saudade é um fator relevante na decisão do retorno. A falta dessa relação íntima entre os moradores metropolitanos, a vida agitada, o trânsito são elementos que tornam a vida daquele que imigra, muitas vezes, desagradável. Esta também é uma das razões que faz com que muitos migrantes deixem a vida metropolitana do Sul para retornar ao seu primeiro território, buscando inclusive seus antigos afazeres. *“(...) porque nós todos (aqui) somos conhecido, uns ajudam os outros. A gente quando vai para as terras alheias, agente é discriminado, somos chamados de ‘paraíbas’. Existe uma grande discriminação nas cidades grandes”*(Maria Nilma, funcionária do Sindicato de trabalhadores Rurais de Reriutaba).

A questão das relações com o primeiro território, portanto mostra-se com força quando tratamos do retorno sob o aspecto simbólico. Esta perspectiva permeia todas as relações do retornado com seu território. Mesmo aqui estando mais evidenciado a âmbito econômico da re-territorialização, este último aspecto é o fundamental. A violência, sinalizada nas duas citações, reflete algo que é preocupante em relação aos efeitos da metropolização destes lugares por intermédio dos retornados, afinal, embora haja, como afirmamos, a influência de algumas informações veiculadas pela mídia da metrópole, é através dos retornados que as experiências com o espaço metropolitano podem ser somadas ao espaço do interior concretamente. Ocorre então não apenas uma des-territorialização econômica, mas também simbólica e neste aspecto podemos perceber o crescimento da violência, um considerável aumento do consumo de drogas, e conseqüentemente do tráfico, e um processo crescente da sensação de insegurança por parte dos moradores antigos dos municípios da pesquisa.

No plano político, até onde pode ser averiguado, alguns retornados estão presentes no quadro legislativo dos municípios, como vereadores, mas, curiosamente não há a formação de um pensamento político que abarque a questão dos migrantes de retorno, nem mesmo por parte deste que legislam. Não ocorreu ainda uma percepção política da re-territorialização do retornado, o que alimenta o círculo vicioso da des-territorialização, não sendo consideradas as diversas experiências territoriais, boas e ruins, vivenciadas pelos retornados nas metrópoles brasileiras.

5. Considerações finais

Na busca de uma concretização devemos antes de tudo observar que, se os movimentos populacionais forem vistos sempre sob o ponto de vista cientificista, tenderemos a cair na frieza e na distância que têm caracterizado tradicionalmente esta temática de pesquisa. O fato de procurarmos ver os movimentos populacionais com um olhar mais humanista não faz deles menos “científicos”, ao contrário, certamente tenderão a

ser muito mais verdadeiros. Nessa premissa estiveram pautadas todas as etapas deste projeto.

A despeito de todas as limitações expostas ao longo deste trabalho, chegamos a algumas constatações. Contrariando as noções dos pensadores clássicos da migração e de autores críticos como Gaudemar (1977), nesta pesquisa vemos que o que migrantes retornados, e não somente os retornados, são acima de tudo, seres humanos, cheios de desejos e necessidades diversas, que fazem de cada migrante indivíduos “*sui generis*”, de modo que se torna impossível buscar um padrão que generalize as causas das migrações cearenses tanto às de “saída” do primeiro território quanto às de retorno. Acreditar, portanto, que ao falarmos de migrantes estamos falando acima de tudo de trabalho em movimento é, em nosso entendimento, um erro e um atraso no pensamento acadêmico. A des-re-territorialização dos retornados abarca aspectos econômicos, políticos e simbólicos, mediados pela territorialidade dos migrantes, agora plena de elementos oriundos das metrópoles das quais retornam. O trabalho realizado nas metrópoles ficou, os homens e mulheres retornaram para realizarem mais trabalhos (ou não). Uma certeza, porém, nós temos: o trabalho não se movimenta, mas as pessoas sim.

Uma outra importante constatação feita afirma que a des-re-territorialização se dá em dois momentos: o primeiro constitui-se a partir daquele em que o migrante deixa seu primeiro território em busca de melhores condições de vida, aventura, ou ainda, em busca de um novo território, algo diferente daquele que vivencia no cotidiano e que não mais o satisfaz. A conseqüente re-territorialização muitas vezes não ocorre do modo esperado, o que leva o migrante a planejar um retorno, algumas vezes esse retorno já foi planejado antes da imigração. A impossibilidade de se estabelecer leis gerais em torno dos motivos que levam o migrante a retornar, cria uma série de variáveis que impossibilitam uma generalização. O que é certo é que alguns regressam bem sucedidos, outros não. O desejo de um sucesso quando se chega na metrópole isso sim é generalizável, e é a partir deste sucesso, ou não, que se configura o segundo momento da des-re-territorialização. O retorno, igualmente à saída, nem sempre ocorre do modo planejado, ou melhor, o território nunca é o mesmo, até porque o retornado também não é mais o mesmo.

No território de origem, o retornado pode estar em duas possíveis categorias: ou é um jovem retornado, que está na chamada idade economicamente ativa, e que vivenciou pouco tempo na metrópole, ou é um retornado mais maduro que ficou muitos anos na metrópole, retornando no fim da idade economicamente ativa, e/ou após ter obtido considerável sucesso financeiro. Em ambos os casos, os migrantes de retorno afetam os municípios pesquisados de modo considerável, os primeiros, mais influenciados pela mídia de massa produzida nas metrópoles, tendem a reproduzir símbolos da sociedade de consumo como forma de se inserir no “mundo moderno”. Enquanto os últimos parecem

buscar exatamente aquilo que deixaram para trás quando partiram: as “raízes”, porém de maneira semelhante também reproduzem a sociedade de consumo metropolitana que os permeou e que, dialeticamente, eles também ajudaram a construir.

Com estes últimos a noção de pertencimento a uma região parece tomar mais forma. Os muitos anos no Centro-Sul fizeram com que as diferenças locais se acabassem, propiciando assim o surgimento de uma identidade regional com o Nordeste. Além disso, a veiculação constante de símbolos desta Região na mídia, também estimulou essa identidade. Por outro lado, os retornados mais jovens, sofrem mais com os males da sociedade de consumo, sobretudo no que diz respeito a violência e a criminalidade. Também parecem estar mais vulneráveis ao atraente sonho de enriquecer no “Sul”, e por esta razão, tendem a migrar no mínimo duas vezes, em busca desta *pseudo-realização*. Com isso, muitos que deixaram o trabalho na lavoura, voltam em busca de uma re-territorialização econômica no campo, com vistas a garantir uma aposentadoria e, por terem passado um longo período no “Sul”, registrado como funcionário de alguma firma, em diversos casos não conseguem.

Outro ponto importante nesta des-re-territorialização é que os retornados cearenses destes municípios têm alterado consideravelmente as territorialidades tradicionais destes lugares, criando novas, por meio do espírito empreendedor de muitos retornados mais antigos e pelas novidades comportamentais trazidas pelos retornados mais jovens, viabilizando novas experiências com o território, alterando ou, de alguma maneira, modificando as tradições locais. Vale dizer também que a total alienação das autoridades locais frente a esse fenômeno, que não percebem nem sequer a presença de migrantes de retorno na estrutura política local, retarda ou dificulta o processo de re-territorialização dos retornados. Conseqüentemente não existe nenhum plano para aproveitar o capital dos migrantes bem sucedidos financeiramente. Por outro lado, não há também nenhuma política voltada para os que estão em pleno movimento, ou seja, os retornados mais jovens.

A falta de percepção deste fenômeno faz com que parte considerável da população destas cidades permaneça à margem de um estado de bem-estar social, com os mínimos direitos garantidos, pois estão em constante fuga. Abandonam sua primeira territorialidade por sofrerem dificuldades de se manter minimamente inseridos ao mundo da velocidade, ao mundo dos fluxos que os suga através da publicidade que vende lugares em imagens suaves e delicadas, antagônicas à realidade perversa da metrópole que os aguarda. A des-re-territorialização só se completa quando, ao chegar na metrópole, o sonho se dilacera na realidade da favela, da periferia e da labuta árdua, muito diferente daquela que se habituara em seu Ceará. Muitos têm buscado o retorno como possibilidade de volta ao seu primeiro território, mas isso já não será mais possível.

Após a primeira ida, jamais o indivíduo será o mesmo, pois sua territorialidade já está alterada, o tempo é outro e as experiências com o espaço já criaram um homem diferente. Essas mudanças na personalidade dos retornados ao longo dos muitos anos de migrações nordestinas contribuem, junto com outros fatores, para a uma nova percepção e a legitimação da Região Nordeste. Cabe então a academia mostrar as novas possibilidades de leitura do espaço à medida que os territórios e, conseqüentemente, as territorialidades estão em constante mudança, transformando muito mais que as estruturas físicas do espaço, mas principalmente as percepções do mesmo. O retornado cearense é um importantíssimo agente dessas mudanças, tendo em vista que nele está embutida a semente de relações diferenciadas com um espaço, e certamente no seu primeiro território, como vimos, essa semente já está germinando.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Fernando Roberto P. de Carvalho e. *Movimentos migratórios internos no Brasil: características e estimativas*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: IBGE, ENCE, 2001.
- ALBUQUERQUE Jr. Dorival Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994.
- CLAVAL, Paul. *O território na transição da pós-modernidade*. Revista Geographia. N.º 2 1999.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O Anti-édipo*. Lisboa: Assim & Alvim, s/d.
- DIAS, Juliana Braz. *A volta do filho próspero: emigrantes cabo-verdianos retornados e seus familiares in* TEIXEIRA, C. C. (org.) *Em busca da experiência mundana e seus significados*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2000.
- FAJARDO, José Carlos García. *Los inmigrantes quieren ser globalizados*. Madrid: Datil. s/d.
- GARCIA, Carlos. *O que é Nordeste brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GAUDEMAR, Jean Paul. *Mobilidade do trabalho e acumulação do capital*. Lisboa: Estampa, 1977.
- HAESBAERT, Rogério. *Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste*. Niterói: Eduff, 1999.
- _____. *Identidades territoriais in* ROSENDAHL, Z. & CORRÊA, R. Lobato (org.) *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.
- _____. *Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo*. Niterói: Eduff, 2001.
- _____. *Concepções de território para entender a desterritorialização in* Território territórios. Niterói: Programa de pós-graduação em Geografia PPGEO – UFF / AGB, 2002.
- _____. *Territórios alternativos*. São Paulo: Contexto, 2002.
- HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. *A desterritorialização na obra de Deleuze Guattari*. Revista Geographia. N.º 7, 2002.
- LA BLACHE, Paul Vidal de. *As divisões fundamentais do território francês*. Datil: s/d.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 5ª edição. São Paulo: Loyola, 1992.
- LACOSTE, Yves. *A geografia – isso seve, em primeiro lugar para fazer a guerra*. 3ª edição. Campinas: Papirus, 1993.
- PENNA, Maura. *O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina*. São Paulo: Cortez, 1992.

PIERUCCI, Antonio Flávio. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34, 2000.

PINHEIRO, Francisco José. *Ceará: seca e migração – análise histórica da incorporação do Ceará como fornecedor de mão-de-obra ao mercado capitalista in* Silva, Severino Vicente. (org.) *A igreja e a questão agrária no Nordeste*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

PÓVOA NETO, Hélio. A produção de um estigma: nordeste e nordestinos no Brasil. *Revista Travessia: Revista do Migrante*, São Paulo, v. 7, n.º 19, p. 20-22, maio/agosto, 1994.

MARTINS, José de Souza. *Não há terra para plantar neste verão – o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1986.

MOTTA, M. et ali. (orgs.) *Nação e poder: as dimensões da história*. Niterói: Eduff, 1998.

RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2002.

SAYAD, Abdelmalek. *O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante*. *Revista Travessia: Revista do Migrante*, edição especial. São Paulo. Ano XIII, janeiro, 2000.

_____. *A imigração*. São Paulo: Edusp, 2001.

SILVA, J. B., PEREIRA, R. C. M. e VERÍSSIMO, M. E. Z. *Atlas Escolar Ceará: espaço geo-histórico e cultural*. Fortaleza: Grafset, 2000.

TAVARES dos SANTOS, José Vicente. *A gestação da recusa: o colono retornado dos projetos de colonização da Amazônia*. Datil., 1983.